

## **SOCIABILIDADES E TRANSFORMAÇÕES NUMA CIDADE À BEIRA-MAR: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA AVENIDA BEIRA-MAR CONTINENTAL, FLORIANÓPOLIS (SC)**

### ***SOCIABILITIES AND CHANGES IN A CITY TO SEASIDE: THE PROCESS OF CONSTRUCTION OF BEIRA-MAR CONTINENTAL AVENUE, FLORIANÓPOLIS (SC)***

*Gisele Bochi Palma<sup>1</sup>*

#### **Resumo:**

A cidade de Florianópolis passou por diversas transformações urbanas ao longo de sua história que alteraram de diversas maneiras as sociabilidades até então existentes. Este artigo se propõe a mostrar as experiências de moradores despertadas a partir das transformações ocorridas com a criação da Beira-Mar Continental, em Florianópolis, envolvendo parte do bairro Estreito e interferindo nas comunidades que ali residem, especialmente na Ponta do Leal. Com a obra, surgiram novas sociabilidades, novos espaços, novos lugares, e assim novos processos que passam pela massificação e “gentrificação”.

**Palavras-chave:** cidade, sociabilidades, gentrificação.

#### **Abstract:**

The city of Florianópolis went through several urban transformations throughout its history that changed in many ways the sociabilities hitherto existing. This article aims to explain the experiences of residents awakened from the changes with the creation of the Beira-Mar Continental, in Florianópolis, involving part of the neighborhood Estreito and interfering in the communities living there, especially at Ponta do Leal. With the work, new sociabilities, new spaces, new places, as well as new processes that go through the massification and gentrification.

**Keywords:** city, sociabilities, gentrification.

---

<sup>1</sup> Mestranda em História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), orientanda da Profa. Dra. Marlene de Fáveri. E-mail: gisapalma@yahoo.com.br.

Desde o final do século XIX, a cidade de Florianópolis, especialmente a parte insular, passou por diversas intervenções urbanas seguindo os preceitos de urbanização dos grandes centros. Nos últimos anos, porém, com o processo de massificação, observa-se um aumento da população e uma valorização das áreas continentais, passando também a ter alterações em sua configuração urbana e, conseqüentemente, nas redes de sociabilidades existentes. No bairro do Estreito, na parte continental da cidade, a criação de uma avenida à beira-mar implicou na construção de um aterro e, ainda em negociação, na retirada de uma comunidade de pescadores do local. Isso envolve toda uma nova rede, tanto viária quanto social, e atinge diretamente as percepções dos moradores sobre a região. Este artigo se propõe a perceber esses processos a partir das experiências dos moradores, utilizando a metodologia da História oral. As falas de Cléia L. Santana, Selma R. J. S. Carvalho e Fábio Silveira nos apresentam diferentes experiências com a cidade, levando em consideração que os depoimentos são as suas experiências contadas a partir do presente, cheias de interferências e de esquecimentos.

O bairro Estreito, na parte continental, abriga uma população de cerca de 12 mil habitantes agrupando

diversas classes sociais. Em uma parte nobre do bairro, chamado Balneário do Estreito, junto ao mar, está localizada a comunidade da Ponta do Leal que existe há mais de 40 anos e reúne cerca de 80 famílias que vivem em condições precárias. Quase todas as casas são de madeira, muitas são palafitas, estando próximas a uma saída de esgoto tratado do bairro. No local, os moradores têm uma forte relação com o mar, sendo muitos deles pescadores, construindo pequenos ranchos na orla para abrigar as suas canoas que trazem camarões, tainhas, linguados e corvinas.

A parte nobre do bairro foi muito freqüentada e ocupada pelas casas de veraneio desde 1910, sendo o programa do fim de semana de muitos que moravam na ilha e que no continente tinham a sua “casa de praia”. Mas, até o final do século XIX, o mar era apenas um lugar de trabalho para os muitos moradores pobres que tiravam seu sustento com a pesca. Foi o hábito de procurar a praia e o mar como local de lazer e de férias que levou à expansão urbana para o interior da Ilha, assim como na parte continental. Em 1937, um empreendimento turístico foi aberto no Balneário da Ponta do Leal, dispondo de pista de dança com orquestra ao vivo, vestiário para aluguel, banheiros para

os banhistas, bar e restaurantes a cargo da Confeitaria Chiquinho. Nos finais de semana, ônibus partiam especialmente do Centro para levar os veranistas a Ponta do Leal (FERREIRA, 1998, p.28).

De balneário ativo apenas durante a temporada de verão, a região continental tornou-se, nos anos 1980 e 1990, um novo bairro residencial, dando à cidade de Florianópolis a atual configuração descentralizada, com uma malha urbana descontínua e com grande fluxo de veículos. O projeto de uma avenida na orla do Estreito, conhecida como avenida Beira-Mar Continental, surgiu como um facilitador para o trânsito no bairro, implicando na construção de um aterro com uma área de 180 mil metros quadrados e na desapropriação de diversas moradias.

Fábio Silveira é proprietário de um comércio de autopeças no Estreito e é morador do bairro “desde sempre”, como ele mesmo diz. Nasceu em 1945 e sua família já residia no Estreito muito antes de ele nascer. Quando casou, há 40 anos, ele se mudou para a região do Balneário e há 20 anos reside em uma cobertura de um dos primeiros prédios com cinco andares construídos no bairro, antes somente eram construídas casas na região. Ele diz que a opção pelo Balneário ao se

casar foi por ser “um lugar bem cuidado” e lembra como era a praia antigamente:

Uns dez anos antes [de me casar] mais ou menos [em 1960] a praia do Balneário no fim de semana era lotada. Naquela época não tinha carro também. [...] Não é porque o Balneário era a única praia, o Balneário era a única opção próxima nossa. [...] Era um bairro nobre, toda vida nobre. A Coloninha [bairro vizinho] virou aquela pobreza ali e o Balneário ficou sendo o bairro mais nobre da região (SILVEIRA, 2009).

Próximo da nova avenida, em fase final de construção, vive Cléia de Lima Santana, de 59 anos, com seu marido Maurício e seus três filhos. Uma casa de alvenaria, pintada de verde, num terreno de esquina, rodeada com um muro. Um pequeno cachorro corre pelo terreno da casa latindo para quem passa pela rua. Sentada na sala e olhando pela janela, Cléia aos poucos volta no tempo para narrar a sua experiência. Nascida em Caçador, oeste de Santa Catarina, mudou-se com a família para Florianópolis ainda pequena, morando inicialmente no bairro Capoeiras, que fica próximo ao Estreito, logo em seguida mudando-se para o Balneário do Estreito. Ela conta com orgulho

que mora no mesmo local no Balneário do Estreito desde criança, nesta mesma casa. Suas lembranças são de um bairro bem diferente do que existe hoje, quando ainda existiam algumas dunas em que brincava em sua infância. Cléia diz:

Não tinha nem rua aqui do lado. [...] A areia do mar vinha até onde é o IPESC<sup>2</sup> agora. Onde é o IPESC eram dunas. [...] Aqui, bem no meio da rua era uma pedra, que depois pra abrir a rua tiveram que dinamitar. Como eu me lembro de ficar sentada em cima daquela pedrinha pra olhar. A gente ia brincar nas dunas. Não tinha essas casas aqui. Ah, era tudo diferente (SANTANA, 2009).

Cléia ainda se lembra de uma praia bonita, com a água não sem poluição e das casas com muitos “pés de frutas”. A cidade tinha outro ritmo, com vizinhos reunidos na calçada para conversar e batendo à porta para pedir uma xícara de açúcar emprestado. Os filhos já não percebem esse tempo, nem mesmo tem tempo para ouvir as histórias da mãe, como ela cita:

---

<sup>2</sup> Refere-se ao Almoarifado do *Instituto de Previdência do Estado de Santa Catarina* (IPESC) – atual IPREV – que se localiza na rua Quinze de Novembro, esquina com a rua Casemiro de Abreu.

Eu conto pra eles aqui em casa, aqui essa casa do lado, esse terreno era nosso, e tinha pé de bastante fruta. Mas daí eles não querem saber, ‘a tá, tá, já escutei essa história’, a minha filha que diz. ... Quando eu vou ali pra praia eu mostro, o quintal era areia da praia mesmo, a área rodeava a casa toda, pé de caju a gente sentava assim [embaixo] e só puxava. [...] O terreno aqui atrás que eu pulava a cerca, que ia lá pra outra, que era um pessoal que era de Blumenau e ali era a casa de praia, então ali eles deixavam uma senhora como caseira, dezembro eles vinham e só iam embora em março... Então, tinha a casa, era um terreno grande e outro pedaço era só pé de frutas. Eu lembro que no tempo de aula, eu fazia os deveres e depois ia pra lá, aí eu ficava lá junto com ela e tinha fruta, e ela apanhava mamão, era abacate, era de tudo. (SANTANA, 2009).

Na região sujeita à desapropriações diante à nova avenida, na comunidade da Ponta do Leal, vive Selma Ramos Jampierre da Silva Carvalho, de 36 anos, com o marido e três filhos. Morando numa casa construída sobre o mar há 21 anos, Selma apresenta o marido, que conversa entre uma martelada e outra enquanto construía a base da nova casa no terreno, que será presente para a filha mais velha, com 18 anos completos.

Hoje, a praia do Balneário já é considerada imprópria para banho, ou seja, poluída, conforme placa indicativa colocada na margem do mar pela *Fundação do Meio Ambiente – FATMA (Fundação de Amparo Tecnológico do Meio Ambiente)*, órgão estadual que realiza o monitoramento da qualidade das águas do mar para banho através de pesquisas de balneabilidade desde 1976. Para as famílias que residem na Ponta do Leal é marcante a ligação com o mar, notada pela simples presença dos barcos de pesca e também pelas citações feitas pelos moradores.

O marido de Selma é pescador e ela conta que o mar já é um costume para eles, tanto para a pesca como o convívio com o barulho. Ela conta:

O meu marido não imagina morar em outro lugar que não seja perto do mar. Porque quando ele tá com vontade de um peixinho, alguma coisa, vai ali e pesca. Aqui ele tem tarrafa, ele pesca de rede, vai ali, o mar é pertinho. Pega três quilos. Não tem aquele gosto ruim que a gente sente... é tudo bem fresquinho. Então é complicado pra nós. Acostumamos com o barulho do mar, do vento. [...] Se for pra outro lugar eu acho que a gente morre do coração. Eu na verdade não, porque já

acostumei a viver em vários lugares. Mas meu marido e meus filhos sim, eles sentem falta. Se eles vão pra casa de alguém que fica um, dois dias e não tem mar, eles ficam quase doidos, tem dor de cabeça e tudo, voltam pra casa. A minha pequeninha não dorme fora de casa, ela pede pra vir pra casa (CARVALHO, 2009).

Essa relação com o mar é comumente citada pelos moradores. A mudança da família de Cléia para Florianópolis, na década de 1950, se deu justamente em função do mar, conforme ela relembra:

A minha mãe veio morar pra cá porque adorava o mar. [...] Um tio meu morava aqui. Daí construiu, moraram só seis meses e ele teve que ir embora. Aí foi onde eles compraram. Ah, era lugar que ela gostava muito era esse aqui. [...] Como eu lembro de adolescente, criança, olhava outras casas assim, mas ela dizia que não, que daqui ela não ia sair e ainda dizia ‘isso aqui vai ser pros meus netos’. [...] Muitas coisas muda, lógico, é pra melhor, né, mas se fosse pra escolher claro que era aquele tempo assim... sabe, não tinha infra-estrutura como eles dizem, não tinha saneamento, mas a gente... era diferente... mas o progresso, né... (SANTANA, 2009).

A construção da avenida pode-se dizer que traz grande impacto para toda a região e seus moradores tem diferentes percepções sobre ela. Fábio percebe a obra da seguinte maneira:

Hoje eu vejo essa obra que eles iniciaram aí [da Beira-Mar Continental], que sai debaixo da ponte Hercílio Luz, onde eu não vejo como ganhar proporções de largura e de ficar uma avenida bonita. Vejo ela terminar numa vila de casas de moradias que vai acabar com o Balneário, jogar um trânsito de ônibus aqui dentro. Eles estão prometendo que no futuro vai ter seqüência até o trevo de Barreiros [bairro do município vizinho], agora isso no meu ver é uma coisa de 10, 20 anos pra frente, no mínimo. Então, pra suportar até esse término dela vai custar muito (SILVEIRA, 2009).

O projeto de transformação da área continental percorreu um longo caminho desde os seus estudos iniciais até ser de fato ser implantado. Na década de 1950, uma grande alteração foi proposta no primeiro *Plano Diretor*. Na década de 1960, foi realizado um estudo de integração do trânsito entre os municípios de Biguaçu, São José e Florianópolis para incorporação ao *Plano Diretor de Desenvolvimento da Grande*

*Florianópolis*. Mas foi somente na década de 2000 que as obras de remodelação do bairro foram iniciadas com a construção da avenida Beira-Mar Continental. Em setembro de 2004, o canteiro de obras da avenida foi instalado, mas logo foi interditado pelo *Ministério Público Federal* devido à falta da licença ambiental. As obras foram retomadas em março de 2006 após uma audiência de conciliação.

Em função da obra, novas sociabilidades surgiram a partir da criação de um novo espaço e de uma nova relação com aquele lugar à beira-mar. Os usos do mesmo espaço ao longo do tempo evidenciam as redes de sociabilidades formadas, bem como o crescimento da cidade e do bairro. De um lugar para o banho de mar que se tornou ponto de encontro, das pescarias de fim de semana até chegar ao espaço destinado aos veículos ou para as caminhadas ou pedaladas em circuitos programados e definidos pelas calçadas e ciclovias.

A partir das primeiras décadas do século XX, o Estreito passou por transformações especialmente com a inauguração da ponte Hercílio Luz, em 1926, ligando a ilha e o continente, que marcou o início de uma nova fase para a cidade, trazendo a preocupação com a abertura de novas vias de acesso e a evolução

dos meios de transporte, bem como um aumento populacional. As dunas deram lugar às residências à beira-mar, perdendo as características originais do antigo Balneário do Estreito. As instalações de instituições como o *Exército*, a *Marinha* e a construção do estádio do *Figueirense Futebol Clube*, nas décadas de 30 e 40, também alteraram a configuração do bairro (TORRENS, 2006, p.19).

Na década de 1950, as elites locais mostram em seus discursos a vontade de tirar a cidade do “atraso” e da “estagnação” em que se encontrava, buscando transformar-se em uma “metrópole”. Mas ainda na década de 1960 a cidade era considerada provinciana (FERRARI, 2001, p.40).

Outros ambientes também eram propícios para novas sociabilidades, como nos bordéis da cidade, onde eram encontradas as prostitutas, além de estarem presentes nas praças e nas ruas da cidade, mas que neste ambiente também estava inserida a idéia moderna do privado e voltado para uma classe mais abastada da sociedade. No Estreito se localizava um famoso bordel:

Quem estivesse disposto a ter um gasto extra com transporte poderia se dirigir à Maria Barbosa, no bairro do Estreito (atual prédio da Caixa Econômica), onde o acesso às dependências da casa só se dava após o cliente ser identificado pela proprietária, que atendia prontamente aos *habitués* em resposta às batidas no portão, que ficava chaveado para manter, principalmente os marinheiros e os mais pobres, longe do estabelecimento. (BORN, 2007, p.77).

Este era considerado o maior prostíbulo da região, e sua proprietária, Maria Barbosa, foi pressionada pela polícia para se mudar. Dentro de um acordo com a polícia, ela comprou um terreno no loteamento da Vila Palmira, no bairro de Barreiros, município de São José, e se mudou para lá “levando consigo cerca de 30 garotas que seguiriam praticando suas funções sexuais, agora vigiadas e controladas por todo um discurso médico e jurídico” (FERRARI, 2006, p.6).

Assim se iniciava a zona de prostituição na Vila Palmira, num período em que o local era quase desabitado e deserto, causando grande desvalorização dos lotes e proliferando a venda de terrenos para novas casas de prostituição, tornando-se na década de 1960 um

lugar conhecido para a busca de “sexo livre e amores clandestinos” (FERRARI, 2006, p.6).

As utopias construídas na capital nas décadas de 1950 e 1960 interferiram tanto na configuração urbana quanto nas práticas cotidianas, tornando-se uma questão política a partir dos grupos mais influentes e dos anseios das elites dirigentes. As expectativas em relação ao futuro, naquele período, tomaram como base as propostas que elegiam o turismo como praticamente a única opção de desenvolvimento para a cidade. Neste sentido, o primeiro Plano Diretor feito em 1952 dividia a cidade em áreas que correspondiam a um zoneamento social e econômico, seguindo os princípios urbanistas definidos pelos *Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna* da época. O Estreito seria o grande núcleo transformador da cidade, com um futuro porto e uma futura zona industrial, com a formação de uma vida comercial prevendo edifícios de até 12 andares. Lohn também aponta a apropriação do conteúdo mítico das obras de Franklin Cascaes, como a questão da “ilha da magia”, sendo adotado como símbolo turístico (LOHN, 2002, p.277).

A partir da década de 1960, os investimentos públicos em conjunto com setores privados acelera-

ram o processo de verticalização da cidade. Com a pavimentação da BR-101 a cidade passou a ter uma integração com a dinâmica econômica do Estado. Já na década de 1980, consolida-se a opção pelo turismo como um importante meio econômico da cidade. Os financiamentos facilitados através do BNH (*Banco Nacional de Habitação*) impulsionaram a expansão imobiliária. Aos poucos foram sendo criados pequenos núcleos residenciais em áreas destinadas aos turistas (JORGE, 2007, p.58).

Hoje, com cerca de 400 mil habitantes, Florianópolis ainda não é uma metrópole, apesar dos quase um milhão de habitantes que circulam pela cidade, se considerarmos as cidades vizinhas. Entretanto, já pode ser considerada uma cidade massificada, como no entendimento de José Luis Romero em que pessoas de diversas origens, rural ou de pequenas cidades, repletas de esperanças, migraram para cidades que cresceram rapidamente, tornando-se pólos e influenciando o conjunto. O autor analisa a explosão urbana e suas conseqüências:

A explosão urbana modificou o perfil das cidades. Queixaram-se disso aqueles que desfrutaram delas



antes, aprazíveis e tranquilas, mas, sobretudo, com uma infra-estrutura suficiente para o número de habitantes que possuíam. Os invasores as desfiguraram e fizeram delas uns monstros sociais que, além disso, apresentaram, nesta mesma época, as características inumanas que lhes conferiu o desenvolvimento técnico. Alguém chegou a dizer que as cidades já eram ‘invisíveis’ (ROMERO, 2004, p.363).

É nessa cidade massificada que se observa a verticalização, as longas distâncias, os engarrafamentos, a valorização imobiliária e um estilo de vida almejado pelas classes médias da antiga cidade burguesa. Como isso, o centro urbano passou a se deteriorar até surgirem os processos de recuperação destes espaços e, simultaneamente, o desenvolvimento de cidades de sociedades divididas.

O fenômeno de “gentrificação”, conforme apontado por Catherine Bidou- Zachariassen, pode ser identificado em várias cidades, sendo entendido como o processo em que as famílias mais pobres moradoras de uma determinada região são substituídas por outras de classe média superior. O termo *gentrification* foi utilizado pela primeira vez por Ruth Glass no início década de 1960, em Londres, compreendendo a trans-

formação da composição social dos residentes (substituição das classes populares por classes médias assalariadas) e um processo de investimento, reabilitação e apropriação das áreas (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006, p.22).

Neil Smith (2006), um dos primeiros a trabalhar e perceber a especificidade dos países anglo-saxões, entende a “gentrificação” como uma “estratégia urbana articulada e global” com a presença de empresas internacionais nos grandes projetos urbanos e o desenvolvimento imobiliário justificado pela criação de empregos, geração de impostos, turismo e complexos culturais. Projetos que lembram muito os que vêm sendo propostos para o Balneário do Estreito e especificamente para a região da Ponta do Leal.

No período pós-1990, Smith ressalta o abandono das “políticas públicas urbanas progressistas e a vitória das políticas neoliberais”, passando a ser visto o processo de gentrificação como “natural”, como uma “regeneração urbana”, um equilíbrio sociológico:

Assim, os arautos da estratégia da regeneração mascararam as origens sutilmente sociais e os objetivos da mudança urbana, apagam as políticas de ganhadores

e perdedores de onde emergem tais linhas de ação. Assim, um segundo silêncio sistemático é o dos perdedores. É historicamente e não acidentalmente que a gentrificação está associada ao aumento das expulsões e dos sem-teto, e ainda assim este importante efeito da regeneração passa completamente em silêncio. [...] A linguagem da ‘regeneração’ substitui deliberadamente a linguagem simples e honesta da gentrificação (SMITH, 2006, p.83).

Esses processos são base para o entendimento do que vem ocorrendo nos últimos anos na cidade de Florianópolis. A ideia de “modernização” se faz presente em discursos desde o final do século XIX e as intervenções urbanas feitas ao longo dos anos enfatizam tal percepção.

A partir da década de 1970 é possível notar uma grande transformação na cidade, com aterros sequenciais e completa alteração em sua configuração urbana, com isso também alterando as sociabilidades. Nas falas dos moradores são reveladas as inquietações e os saudosismos, assim como os vícios de linguagem, as pausas e os erros gramaticais, que foram utilizados em sua totalidade, por considerar a linguagem como parte do entrevistado.

A utilização da História oral como um procedimento metodológico permite, através de entrevistas temáticas, entrar em contato com experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados, levando em consideração as observações de Lucilia Delgado em que “a memória é uma construção sobre o passado atualizada e renovada no tempo presente” e que tem como um dos desafios a relação entre as múltiplas temporalidades (DELGADO, 2006, p.9). Relacionando todas essas discussões, percebe-se que existem múltiplas sociabilidades e uma complexidade de relações na cidade, e que todas elas evocam memórias, despertam perspectivas e provocam novas sensibilidades. E através das falas dos moradores, enquanto historiadores, seguimos percorrendo as barreiras e as ruas da cidade, questionando a sua história, as suas transformações e o seu cotidiano.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

CARVALHO, Selma Ramos Jampierre da Silva. 36 anos, moradora do Balneário do Estreito há cerca

de 23 anos. *Entrevista*, concedida à autora em 15 de agosto de 2009.

SANTANA, Cléia de Lima. 59 anos, moradora do Balneário do Estreito há cerca de 50 anos. *Entrevista*, concedida à autora em 15 de agosto de 2009.

SILVEIRA, Fábio. 64 anos, morador do Balneário do Estreito há 40 anos. *Entrevista*, concedida à autora em 12 de agosto de 2009.

## BIBLIOGRAFIA

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. Introdução. In: BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (Coord.). *De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos*. São Paulo: Annablume, 2006. p.21-57.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERRARI, Maryana Cunha. *Entre a cruz e as delícias: prostituição, imaginário e cotidiano em Florianópolis (1960 a 1980)*. 2001. 57 f. Monografia (Especializa-

ção em História Social) - Universidade do Estado de Santa Catarina, 2001.

FERRARI, Maryana Cunha. *Entre a cruz e as delícias: prostituição, imaginário e cotidiano em Florianópolis (1960 a 1980)*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7. UFSC, 2006, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: <[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/M/Maryana\\_Cunha\\_Ferrari\\_40.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/M/Maryana_Cunha_Ferrari_40.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2010.

FERREIRA, Sérgio Luiz. *O banho de mar na ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998.

JORGE, Mateus Perez. *Década perdida?: representação da crise econômica e a opção pelo turismo em Florianópolis (1980-1990)*. 2007. 77 f. Monografia (Graduação em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana*. Florianópolis, 1950 a 1970. 2002. 442 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ROMERO, José Luis. As cidades massificadas. In: ROMERO, José Luis. *América Latina: as cidades e as idéias*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004. p.353-421.

SMITH, Neil. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à uma “regeneração” urbana como estratégia urbana global. In: BIDOUC-ZACHARIASEN, Catherine (coord). *De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos*. São Paulo: Annablume, 2006. p.59-87.

TORRENS, Weliton Luiz. *Estreito, um bairro entre dois municípios*. 2006. 42 f. Monografia (Especialização em História Social) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

*Artigo recebido em: 27/07/2010*

*Aprovado para publicação em: 17/09/2010*